

LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA E OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ORG.
CELDA MORGADO
ANA MARIA BRITO

PORTO / 2022

**LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA
E OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS**
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FICHA TÉCNICA

Título: Língua Gestual Portuguesa e outras Línguas de Sinais
Estudos Linguísticos

Organizadoras: Celda Morgado e Ana Maria Brito

Capa: Gabinete de Imagem, ESE, Politécnico do Porto

Design Gráfico: Liliana Ferreira

Impressão e acabamentos: Norprint – A casa do livro

Depósito Legal: 493552/21

ISBN: 978-989-9082-02-1

Tiragem: 200 exemplares

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-02-1/ling>

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/00022/2020» e apoiada pela Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

Os capítulos do livro foram sujeitos a “peer review”.

Organização e financiamento

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

CLULP
Centro de
Linguística da
Universidade do
Porto

U.PORTO
FEUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoios

**ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
POLITÉCNICO
DO PORTO**

P.PORTO

**CENTRO DE INVESTIGAÇÃO & INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CENTRE FOR RESEARCH & INNOVATION IN EDUCATION**



Estudo sobre a construção e reconstrução de referentes no *corpus* Libras-LSE

Leidiani da Silva Reis

leidianireis@hotmail.com

Universidade de Vigo Uvigo (Spain)

Grupo de Pesquisa Linguagem e Sociedade – UNIOESTE/CNPq (Brasil)

Jorge Bidarra

jorgebidarra@hotmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Grupo de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS; Grupo de Pesquisa Linguagem e Sociedade – UNIOESTE/CNPq (Brasil)

Abstract

Here we present some preliminary results of a comparative study (in progress), based on the referential process, involving, on the one hand, the Brazilian Sign Language (Libras) and, on the other hand, the Spanish Sign Language (LSE). In this study, we analyze not only the peculiarities, but also, and above all, the similarities established between them with regard to the construction and reconstruction of referents in an enunciative environment. It is a qualitative research, whose analysis data are extracted from a parallel corpus composed from narratives produced by deaf, Brazilian and Spanish, with the background of the history of pears (*Pear Film*). What the results obtained so far have shown us is that, although each language uses its own strategies, in well-defined situations the referential process in both languages manifests itself in a very similar way, notably with the recurrent use of the combination of deictic elements and anaphors, forming a complex unit that we will call Deictic-Anaphoric construction.

Keywords: Brazilian Sign Language; Spanish Sign Language; Referential Process; Deictic-Anaphoric Construction.

Resumo

Apresentamos neste artigo alguns resultados preliminares de um estudo comparativo (em andamento), tomando-se por base o processo referencial, envolvendo,

de um lado, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, de outro, a Língua de Sinais Espanhola (LSE). Neste estudo, analisamos não apenas as diferenças, mas também, e sobretudo, as semelhanças estabelecidas nas duas línguas no âmbito da construção e reconstrução de referentes em ambiente enunciativo. É uma pesquisa qualitativa, cujos dados de análise são extraídos de um corpus paralelo composto por narrativas produzidas por surdos, brasileiros e espanhóis, tendo como pano de fundo a história das peras (*Pear Film*). O que os resultados obtidos até agora vêm nos indicando é que, embora cada língua use suas próprias estratégias, em situações bem marcadas, o processo referencial numa e noutra língua se manifesta de modo bastante semelhante, notadamente com o uso recorrente da combinação de dêiticos e anáforas, formando uma unidade complexa a que nos referiremos por construção Dêitico-Anafórica.

Palavras-Chave: Língua Brasileira de Sinais (Libras); Língua de Sinais Espanhola (LSE); Processo Referencial; Construção Dêitico-anafórica.

1. Introdução

É por meio da língua de sinais que os surdos podem adquirir conhecimento do mundo, construir sua própria história e desenvolver sua identidade enquanto ser humano e cidadão. As línguas de sinais, línguas naturais das comunidades surdas, são realizadas visualmente no espaço por meio de movimentos executados por uma ou pelas duas mãos, podendo ou não a esses movimentos estarem associadas outras partes da região superior do corpo (p.ex., dorso, braços/antebraços, pescoço, ombros e cabeça), bem como expressões faciais, também referidas por Expressões Não Manuais (ENM).

Apesar de apresentarem semelhanças, em cada país pode haver uma ou mais línguas de sinais distintas, cada qual com um léxico próprio, adequado à realidade de cada uma de suas comunidades. No que diz respeito ao Brasil, a língua utilizada pelos surdos é a Libras, acrônimo oriundo de Língua Brasileira de Sinais. Já em Espanha, por exemplo, há pelo menos três línguas de sinais diferentes, dependendo da região em que se encontra, a saber: Língua de Sinais espanhola (LSE), Catalã (LSC) e Valenciana (LSV)¹, embora, para os objetivos que traçamos, o nosso foco seja tão somente a LSE.

Embora a Libras já venha sendo usada pelos surdos brasileiros já há bastante tempo, foi apenas em 2002, com a publicação da Lei n.º 10.436, de 24 de abril, regulamentada pelo Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que ela passou a ser oficialmente reconhecida no País, conforme o Artigo 1.º, como o “meio de comunicação e expressão de sua comunidade surda”. Em relação a Espanha, a LSE só conseguiu esse reconhecimento cinco anos mais tarde, por meio da Lei n.º 27/2007, de 23 de outubro.

¹ Importa mencionar que alguns autores vão dizer que as línguas de sinais Catalã e Valenciana na verdade são simplesmente variantes da língua de sinais espanhola.

O fato de as línguas de sinais se manifestarem viso-espacialmente, portanto de um modo bastante distinto das línguas faladas-escritas, tem provocado o interesse não só de linguistas, como também de estudiosos de outras áreas do conhecimento, tais como psicólogos, fonoaudiólogos, linguistas computacionais e de Processamento da Língua Natural (PLN). Os resultados obtidos com a variada gama de pesquisas já concluídas e as que ainda se encontram em curso vêm se mostrando não apenas relevantes, mas, ao mesmo tempo, elucidativos e reforçadores de que, assim como as línguas faladas, as de sinais também se configuram como línguas, com léxicos próprios, bem como estruturas e regras gramaticais muito bem definidas e delimitadas.

Investigar os processos e os mecanismos linguísticos envolvidos nas línguas de sinais tem sido um verdadeiro desafio para os seus estudiosos. Dos diversos fenômenos linguísticos que se manifestam nessas línguas, os processos referenciais são um dos assuntos que mais têm nos chamado a atenção. Por serem decisivos para a condução da progressão textual, para a constituição dos sentidos e para os propósitos comunicativos estabelecidos entre os “falantes”, tentar entender como esses processos são construídos nas línguas de sinais, aqui mais especificamente referindo-nos à Libras e LSE, permite-nos não só identificar, mas também, e principalmente, estabelecer pontos de contatos que nos possibilitem perceber até que ponto há semelhanças e diferenças entre as duas.

Com isso em mente, buscamos responder às seguintes questões: (i) Como acontece o processo referencial em Libras? E em LSE? (ii) São usadas na Libras as mesmas estratégias de construção e reconstrução do objeto do discurso usadas na LSE?

O texto se organiza em quatro seções, além da Introdução e das Referências bibliográficas. Na seção 1, passamos em revista a “*Base teórica*” com a qual estamos trabalhando, para tanto tomando por alicerce os pressupostos teóricos defendidos por Ciulla (2008), Colamarco (2014), Koch & Elias (2006), Mondada & Dubois (2003), Moraes (2017), Bidarra & Reis (2013), esses mais diretamente voltados para os aspectos gerais e básicos envolvidos com os processos referenciais nas línguas de uma maneira geral, e mais especificamente em relação às línguas de sinais Comier (2015), Landaluce (2016), Morales López (2019), Pizzuto et al. (2006), Quadros (2013), Reis (2020; 2019) e Schlenker (2016), com o foco nas línguas de sinais. Na seção seguinte, discutiremos sobre a “*Metodologia*”. Na seção 3, apresentamos as análises e os resultados obtidos até o presente momento; concluindo - seção 4, com as considerações finais.

2. Base teórica

Para esse estudo, adotamos a perspectiva teórica da referenciação em que os processos referenciais são produzidos na interação, tendo como base atividades cognitivas, sociais e o próprio entorno discursivo em que os falantes se encontram. Assim sendo, a referenciação retrata uma forma de construção e reconstrução de objetos do discurso realizados por sujeitos, em um processo de interação, o que significa dizer que carrega, entre outros aspectos, os interesses e os pontos de vista dos interlocutores envolvidos no processo discursivo (Mondada & Dubois, 2003; Koch & Marcuschi, 1998). Em outras palavras, essa construção e reconstrução de objetos do

discurso, que se constituem como um processo dinâmico fundamental na progressão textual, ocorrem quando um objeto é lançado no texto (introdução) e utilizado novamente (retomada), podendo a qualquer momento ser desativado (desfocalização) e reativado no curso da progressão textual (Koch & Elias, 2006).

Segundo Ciulla (2008), os elementos referenciais promovidos na malha discursiva imbricam-se, de modo que não podemos interpretar completamente um sem ver o outro. Nessa perspectiva, a autora propõe o possível entrecruzamento da anáfora com a dêixis, pois, conforme suas reflexões, uma mesma expressão desempenha, de uma só vez, funções não apenas relacionadas a retomadas, muitas vezes combinadas com gestos de apontar, isto é, há em um mesmo elemento referencial a simultaneidade do dêitico e da anáfora, caracterizando um hibridismo discursivo. Assim sendo, dêixis e anáforas, ainda que sejam fenômenos referenciais diferentes, não se excluem. Vejamos o exemplo de Ciulla (2008):

Felipe e Rodrigo gostam de futebol. Este torce para o Inter,
aquele torce para o Grêmio (Ciulla, 2008, p. 57).

Esse recorte textual mostra claramente o processo referencial por meio da anáfora e do dêitico, simultaneamente. O elemento referencial “*este*” retoma o referente “*Rodrigo*”, por meio da anáfora, e ao mesmo tempo o marca num determinado espaço, mediante o dêitico. Nesse contexto, Ciulla (2008) afirma que “o processo referencial dêitico indica os limites do objeto referido no tempo e no espaço”. Também destaca que “a dêixis pode referir-se ao próprio texto ou a situação extralinguística” (Ciulla, 2008, p. 67).

O fato de a dêixis ocorrer simultaneamente à anáfora, por exemplo, faz Ciulla (2008) sugerir que os processos referenciais não sejam considerados em grupos à parte, mas em uma classificação que permita a sobreposição. Assim, a autora defende a referenciação como uma fusão de operações cognitivas, sociais e interativas realizadas pelos usuários da língua.

Especificamente sobre o processo referencial nas línguas de sinais, Schenker (2016), autor contemporâneo da língua de sinais americana (ASL), defende que, nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento (dêitico) são componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal. Em suas próprias palavras, “[...] if the pronoun is used anaphorically, the antecedent typically establishes a locus, which is then ‘indexed’ (=pointed at) by the pronoun. The antecedent Noun Phrases are accompanied with pointing signs that establish the relevant loci” (Schlenker, 2016, p. 7).

Nesse mesmo sentido, Landaluce (2016), pesquisador espanhol que desenvolveu a tese “La deixis en la lengua de signos española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovizual”, aponta a anáfora como uma forma de uso da dêixis, trazendo uma discussão bastante congruente quanto a essa parceria referencial. Ele assevera que, embora em muitas línguas manifestem elementos exclusivamente anafóricos, que não têm vestígios dêíticos, é muito comum um elemento dêitico ser utilizado simultaneamente à anáfora nas línguas visuoespaciais.

Na Libras, conforme a pesquisadora Ferreira Brito (2010), uma especificidade do processo referencial é justamente o uso frequente da dêixis, concedendo-lhe um papel essencial na construção e na reconstrução do referente. Para a autora, a dêixis, no seu sentido mais “puro”, tem a função apenas referencial. Atualmente, no entanto, o conceito de dêixis tornou-se muito mais amplo e muitos deles transmitem informações não-referenciais também. “*Os dêiticos são usados frequentemente, em Libras, para referirem e correferirem*. Por correferência, entende-se aqui todos os termos que tradicionalmente são chamados de anáfora e catáfora” (Ferreira Brito, 2010, p. 116, grifos nossos). É razoável afirmarmos, portanto, que, assim como em outras línguas de sinais, na Libras o dêitico, além de exercer a função de apontar, também executa o papel de retomar; ou seja, há um exercício simultâneo do dêitico e da anáfora, o qual é denominado de dêitico-anafórico.

Para Reis (2020; 2019), partindo da perspectiva da referenciação como uma prática discursiva, marcada por situações sociocognitivas e interacionais, torna-se indispensável destacar a simultânea relação entre a anáfora e a dêixis na Libras, o que contribui efetivamente para a construção dos sentidos entre os sinalizantes e o desenvolvimento de cadeia referencial específica da modalidade visuoespacial, representando a dinamicidade e a fluidez entre os processos referenciais na Libras.

Assim como na ASL, na LSE e na Libras, Meurant (2008) também nos mostra a possibilidade de o dêitico e a anáfora ocorrerem simultaneamente na LSFB (Língua de Sinais da Bélgica), via ‘*loci*’. Segundo a autora, o ‘*loci*’ e a ‘transferência de pessoa’ (já definida por Cuxac, 2000) podem ser apontados como o ponto de referência para o valor anafórico.

Dentro do quadro anafórico de referência, um valor é apontado como um marco para o outro; isto é, há um processo de ‘ostentação’ (o que é referido pelo conceito de ‘dêixis’) dentro do campo anafórico de referência (daí o ‘pseudo’). Funciona como se as coordenadas dêiticas fossem projetadas em espaços anafóricos – temos, dessa forma, o dêitico-anafórico.

No texto “*Deixis, Anaphora and Highly Iconic Structures: Crosslinguistic Evidence on American (ASL), French (LSF) and Italian (LIS) Signed Languages*”, Pizzuto et al. (2006) discutem a construção do dêitico-anafórico nas línguas de sinais. Em seus estudos, definem as estruturas dêitico-anafóricas como recurso de coesão textual que permitem os falantes ou sinalizantes mostrarem (dêixis) e retomarem (anáfora) referentes no discurso, simultaneamente. A partir de uma análise comparativa de narrativas sucintas produzidas na ASL, na LSF e na LIS, a pesquisa proporciona evidências importantes sobre o processo referencial nas três línguas de sinais. Os autores propõem duas grandes classes de dêitico-anafóricos nas línguas visuoespaciais: (a) *classe ‘padrão’*, realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘*loci*’). Nessa classe, os referentes podem ser simbolicamente atribuídos. Alguns fatores são relevantes para o processo anafórico nessa classe, entre eles: i) a direção do olhar: a anáfora ocorre com a marcação acentuada da direção dos olhos; ii) a soletração (datilologia): o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração, e a relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência, como no exemplo: <ELA M-A-R-I-A>; e iii) a locação: apontamento direcionado no espaço; e (b) *classe de complexas unidades manuais e não manuais*, que

não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades apresentam características altamente icônicas – denominadas Estruturas Altamente Icônicas (EAIs) ou ‘*Transferências*’ (Cuxac, 2000) - e são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial (Classificadores) e por expressões faciais marcadas e/ou modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’.

Explicam os autores que essas duas formas consistem na opção consciente do sinalizante em ilustrar ou não o que diz. Supomos, então, que esses elementos sejam mais que ilustrações, podemos considerá-los como objetos do discurso construídos no espaço físico, para serem retomados por meio do dêitico-anafórico (Reis, 2019). Essas classes, ‘padrão’ e ‘de complexas unidades manuais e não manuais’, foram amplamente detectadas nas línguas de sinais estudadas, por essa razão, podem representar uma das características que distanciam essas línguas das línguas faladas, fato esse detectado, por exemplo, na investigação de Reis (2019). Tais classes são, aparentemente, muito semelhantes em várias outras línguas de sinais do mundo, o que torna plausível supor que elas sejam estruturas universais ou quase universais (Pizzuto et al., 2006).

3. Metodologia

Para a realização da pesquisa, partimos de uma metodologia de cunho qualitativo, em que o *corpus* é constituído de gravações de narrativas baseadas na história das peras -*Pear Film*² (Chafe, 1980) - feitas com colaboradores surdos, os quais têm a língua de sinais como sua língua natural, sendo surdos fluentes em Libras e surdos fluentes em LSE³. Tivemos três colaboradores surdos em Libras, e três em LSE. Em Libras foram três mulheres, com idades entre 30 e 40 anos, todas da mesma região do Paraná/Brasil. Em LSE foram dois homens e uma mulher, com idades entre 35 e 45 anos, os quais vivem na Galiza/Espanha. Assim, tivemos um total de três narrativas sinalizadas da história das peras em Libras e três em LSE.

Para a coleta de dados, pedimos aos colaboradores surdos que assistissem ao vídeo *Pear Film*, o qual apresenta a história de um trabalhador do campo durante a colheita de peras e um menino que rouba uma das cestas de peras escondido do agricultor. Após verem o vídeo até compreenderem, solicitamos que narrassem a história que viram, em língua de sinais, momento esse em que gravamos os surdos. Por esses fatores, consideramos que o procedimento de coleta dos dados é de uma situação comunicativa semiespontânea.

² Vídeo *Pear Film* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bRNSTxTpG7U>. Vale destacar que a “história da pera” é o nome que se usa para fazer referência a qualquer narrativa baseada no filme da pera, produzido por Wallace Chafe, em 1970, com o objetivo de eliciar contações de histórias em diversas línguas, para embasar estudos translinguísticos e transculturais (McCleary & Viotti, 2011).

³ Destacamos que o trabalho de coleta e preparação dos dados em LSE foi realizado em conjunto com o grupo de investigação “Gramática, Discurso e Sociedade (GRADES)”, da Universidade de Vigo.

Com as gravações realizadas, o próximo passo foi transcrevê-las em glosas Libras-LSE. Para anotação do *corpus*, com suas respectivas trilhas linguísticas, usamos o programa Elan (EUDICO – *Linguistic Annotator*). Para a glosa-Libras, adotamos o sistema de anotação dos sinais por meio de glosas proposto por Quadros & Pizzio (2007), e adaptado por Reis (2019). A glosa-LSE foi desenvolvida em parceria com o grupo GRADES, a partir do sistema de anotação de Johnston (2010). As glosas foram organizadas de forma a constituir um *Corpus* paralelo, em conformidade com os pressupostos defendidos pela Linguística de *Corpus*, por meio do qual nos foi possível analisar o processo referencial tanto na Libras quanto na LSE, buscando destacar, por análises comparativas, não apenas as semelhanças, como também as diferenças na condução da cadeia referencial numa e noutra línguas.

4. Estratégias referenciais em Libras e em LSE

Selecionamos, para esse momento, algumas das nossas análises oriundas de uma narrativa sinalizada da história das peras em Libras e uma em LSE. Primeiro, analisamos o processo referencial em Libras, em seguida o fazemos em LSE. Para as análises, consideramos as teorias estudadas, notadamente, com relação à perspectiva da referenciação e à proposta de análise dos processos referenciais nas línguas de sinais, em especial a de Pizzuto et al. (2006). Concordamos que essas teorias dialogam entre si, e podem proporcionar evidências importantes sobre o processo referencial em Libras e em LSE.

Consideramos, ainda, nas análises os processos referenciais *Introdução e Retomada* (Koch & Elias, 2006). No processo de *Retomada*, valoramos a presença das classes de dêiticos-anafóricos, *padrão* (DA-P⁴) e *de complexas unidades manuais e não manuais* (DA-CUMyNM⁵). Na classe *padrão*, tendo em vista os estudos de Reis (2019), apreciamos as retomadas de ordem gramatical (por pronomes, por elipses, etc.) e de ordem lexical (por repetição, por sinônimos, etc.), conforme características apresentadas durante as análises no *corpus*.

Selecionamos para essa ocasião dois referentes/objetos do discurso presentes na história da pera, são eles: PERA e HOMEM.

O processo referencial em Libras

Nessa subseção, analisamos o processo referencial em Libras. Para efeito de organização, disponibilizamos em formato de tabelas, os dados de análise. Conforme podemos ver a seguir, na primeira tabela (01) temos quatro colunas, sendo a primeira composta pelos referentes, ou seja, objetos do discurso; a segunda está dedicada à introdução; a terceira ao processo de retomada; e a quarta à classificação desse processo.

⁴ Durante as análises, nas tabelas, usamos a sigla DA-P para referir-se a dêitico-anafórico de classe padrão.

⁵ Durante as análises, nas tabelas, usamos a sigla DA-CUMyNM para referir-se a de complexas unidades manuais e não manuais.

Tabela 1 - Processo Referencial na história ‘The Pear Film’ narrada em Libras

Processo referencial em ‘The Pear Film’: Libras			
Referente/Objeto do discurso	Introdução	Retomada	Classificação do processo de retomada
Referente 01: pera	PERA <P-E-R-A>	IX-CL(homem-colhendo-peras - oc<olhar para cima> - ef<atento>) . CL(homem-colocando-peras-avental^cesto - ob<olhar para baixo> - ef<esforço>) . CL(homem-colhendo-peras)<mão direita> . CL(homem-colhendo-peras)<mão esquerda> . CL(homem-colocando-peras-avental^cesto)<mãodireita> . CL(homem-colocando-peras-avental^cesto)<mãoesquerda> . CL(homem-colhendo-peras)<mão direita> . CL(homem-colhendo-peras)<mano esquerda> . CL(homem-colocando-peras-avental^cesto)<mão direita> . CL(homem-colocando-peras-avental^cesto)<mãoesquerda> . CL(homem-colhendo-peras)<mão direita> . CL(homem-colhendo-peras)<mãoesquerda> . CL(homem-colocando-peras-avental^cesto)<duas mãos simultaneamente>)	-Padrões específicos do olhar; -Classificador; -Expressões faciais marcadas; -Role shift. DA-CUMyNM
Referente 02: homem	HOMEM VELH@ BIGODE-GROSSO CHAPEU LUTAR++ TRABALHAR+		

Na tabela 01 os referentes em análise são ‘pera’ e ‘homem’. Conforme podemos visualizar, a introdução do referente ‘pera’ se realiza com o sinal PERA, seguido de sua datilologia <p-e-r-a>. Esse processo de introdução - sinal seguido de datilologia - já evidencia a preocupação do surdo em aclarar ao seu interlocutor a construção desse objeto do discurso na narrativa. A introdução do referente ‘homem’ se realiza com os sinais HOMEM VELH@ BIGODE-GROSSO CHAPEU LUTAR++ TRABALHAR+. O sinalizante já caracteriza na apresentação do referente que não se trata de qualquer homem, mas de um agricultor que está dedicado em trabalhar. Esse processo de introdução promove um convite para uma ativação de conhecimentos culturalmente compartilhados entre os usuários da Libras.

Após o processo de introdução, o sinalizante constrói o espaço narrativo da história da pera, e começa a desenvolver a cadeia referencial a partir da retomada dos referentes em destaque. Nesse sentido, trazemos na tabela 01 a primeira recuperação dos objetos do discurso ‘pera’ e ‘homem’, que consideramos relevante na narrativa. A retomada desses referentes, como o vemos na glosa-Libras, sucede em conjunto, por meio de padrões específicos do olhar e expressões faciais marcadas, a exemplo oc<olhar para cima> - ef<atento>. Também temos nesse processo de recuperação os classificadores, que mostram a forma do homem lidar com a PERA em seu trabalho de colheita. É como se a persona surda descrevesse no espaço de sinalização a cena do homem recolhendo peras, também das peras sendo armazenadas no cesto. Todos esses elementos juntos promovem o desenvolvimento efetivo do ‘cambio de rol’, ou seja, o sinalizante representa, pelo seu próprio corpo e atitude, o corpo e a atitude das personagens da história que ele está representando, no espaço discursivo. Nessa perspectiva, concordamos com Morales López et al. (2019, p. 114) quando dizem que “la utilización del espacio para representar el rol y semi-rol de los distintos personajes es un recurso al servicio de la cohesión discursiva, porque con estos recursos se produce la progresión temática y la conexión entre las distintas proposiciones” (Morales López et al., 2019, p. 114). Ten-

do em vista esses fatores elencados, classificamos então esse processo de recuperação como deíctico-anafórico de complexas unidades manuais e não manuais. Vale destacar que essa construção referencial foi muito frequente durante a narrativa.

A seguir, temos a figura da tela do Elan com alguns momentos do processo de recuperação analisado na tabela 1. Mostramos, na primeira imagem, a representação do homem recolhendo as peras. Na segunda, buscamos evidenciar os padrões específicos do olhar, assim como as expressões faciais marcadas. Por último, temos a imagem do homem colocando as peras colhidas no avental:

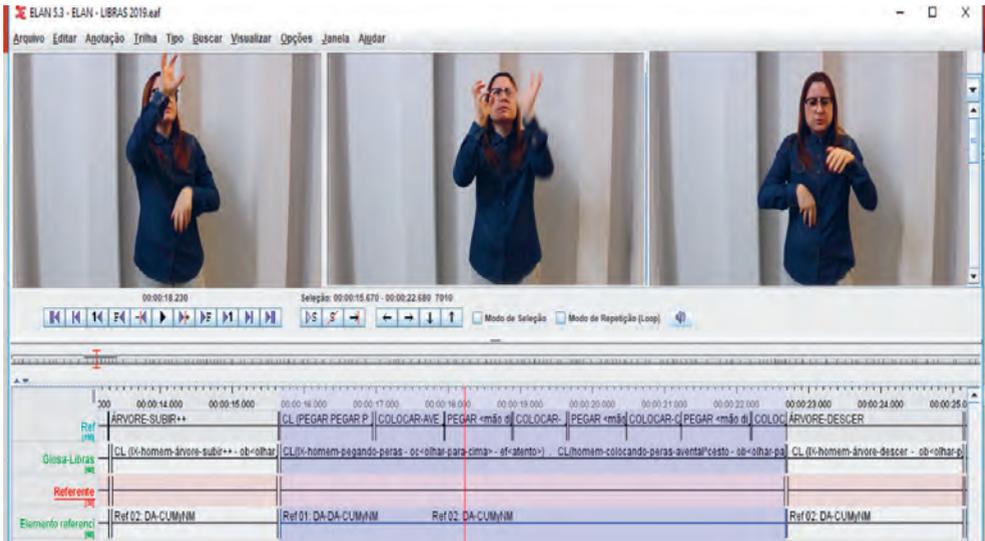


Figura 1: exemplo da tela do Elan com o processo referencial analisado na tabela 1

Na tabela 2, em continuidade às análises, temos uma primeira coluna composta do objeto do discurso selecionado para o momento – pera -, uma segunda com a recuperação do referente, em glosa-Libras, e por final a classificação do processo de recuperação.

Tabela 2 - Processo Referencial na história ‘The Pear Film’ narrada em Libras

Processo referencial em ‘The Pear Film’: Libras		
Referente/Objeto do discurso	Retomada	Classificação do processo de retomada
pera	IXaIX(ØDAR)IXb *dar peras	DA-P<por elipse>

Nessa tabela, o referente ‘pera’ é recuperado por meio de uma elipse, que se corresponde sintaticamente com o objeto direto (IXaIX(Ø_DAR)IXb = DAR o que? DAR PERA). Ao considerar todo o contexto discursivo, percebemos no verbo DAR o referente ‘pera’, implicitamente. É comum o uso da elipse quando se usa verbo direcional, nas línguas de sinais (Bernardino, 2000). Os verbos direcionais denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais

no espaço neutro da sinalização. O uso do espaço é sistemático nas línguas de sinais, favorecendo a identificação clara e correta do referente (Ferreira Brito, 2010). Há de se destacar também nesse processo referencial as marcações não manuais responsáveis por colaborar com a reconstrução do objeto do discurso por meio de uma elipse, entre elas citamos o olhar direcionado para o local no qual o referente foi construído, a sobrancelha e a testa franzidas. Todos esses fatores juntos colaboram para a constituição do dêitico-anafórico de classe padrão por elipse.

Vejamos em seguida a imagem do Elan no momento em que o sinalizante constrói o sinal DAR, que se caracteriza pelo contexto em ‘dar peras’.

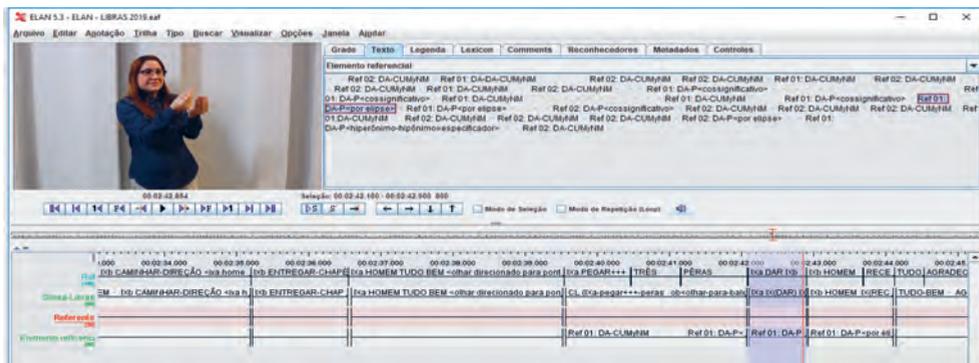


Figura 2: exemplo da tela do Elan com o processo referencial analisado na tabela 2

O processo referencial em LSE

Nessa parte analisamos o processo referencial em LSE, já estabelecendo relações contrastivas com a Libras. Seguimos a mesma dinâmica de organização que estabelecemos nas análises em Libras, ou seja, na tabela 03 a seguir temos quatro colunas, sendo a primeira composta pelos referentes; a segunda está dedicada à introdução; a terceira ao processo de recuperação; e a quarta à classificação desse processo.

Tabela 3 - Processo Referencial na história ‘The Pear Film’ narrada em LSE

Processo referencial em ‘The Pear Film’: LSE			
Referente/Objeto do discurso	Introdução	Retomada	Classificação do processo de retomada
Ref 01: Hombre	HOMBRE PERSONA	cl.m(5d>5):coger+guardar-pera	-Patrones específicos de la mirad;
Ref 02: Pera	PERA1	cl.m(5d>5):coger+guardar-pera	-Clasificador;
		cl.m(5d>5):coger+guardar-pera	-Expresiones faciales marcadas;
		cl.m(Cc>5d):echar-pera	-Rol.
		cl.m(5d):examinar-pera	DA-CUMyNM
		cl.m(4d):frotar-pera	
		cl.m(4d):colocar-pera	
		cl.m(5d>5):coger+guardar-pera	
cl.m(5d>5):coger+guardar-pera			
cl.m(5d>5):coger+guardar-pera			

Em LSE, a introdução do referente ‘hombré’ na narrativa é realizada por meio dos sinais PERSONA HOMBRE. Diferente do que vimos em Libras, o surdo em LSE não caracteriza já no início esse ‘homem’, isso será feito somente no decorrer da narrativa. A introdução do objeto do discurso ‘pera’ sucede com o signo PERA1 - enumeramos assim porque há mais de um signo para a fruta ‘pera’ utilizado pelo sinalizante durante a gravação. Nesse sentido, é importante considerar que, na perspectiva da referenciação, a escolha lexical de determinado elemento referencial em detrimento de tantos outros possíveis existentes na língua pode revelar opiniões, intenções e atitudes do enunciató. Com os referentes ativados, o surdo desenvolve no espaço discursivo o processo de recuperação desses elementos, visando a progressão narrativa. Assim como em Libras, em LSE a recuperação de ‘pera’ e ‘hombré’ sucede durante boa parte da narrativa em conjunto, por meio de classificadores, com padrões específicos do olhar, expressões faciais marcadas, ‘cambio de rol’ (o sinalizante deixa de ser o narrador e se identifica com a personagem). Em outras palavras, nessa recuperação, o enunciató ‘incorpora’ a personagem, atribuindo-lhe características físicas (homem trabalhador colhendo peras desde o alto de um peiral, trabalho duro: cl.m(5d>5):co:ger+guardar-peracl.m(Cc>5d): echar-pera) e psicológicas (concentração e ânimo durante o trabalho: cl.m(5d): examinar-pera cl.m(4d): frotar-pera). O significado dessa referência pode ser percebido como uma imagem mental, indicando ao destinatário uma significação mais completa (Bernardino, 2000). Esse processo de recuperação é classificado como déictico-anafórico de complexas unidades manuais e não manuais.

Podemos observar na figura da tela do Elan alguns momentos desse processo de retomada. A primeira imagem mostra o homem colhendo as peras; a segunda, o homem examinando as peras; a terceira mostra o homem limpando as frutas.

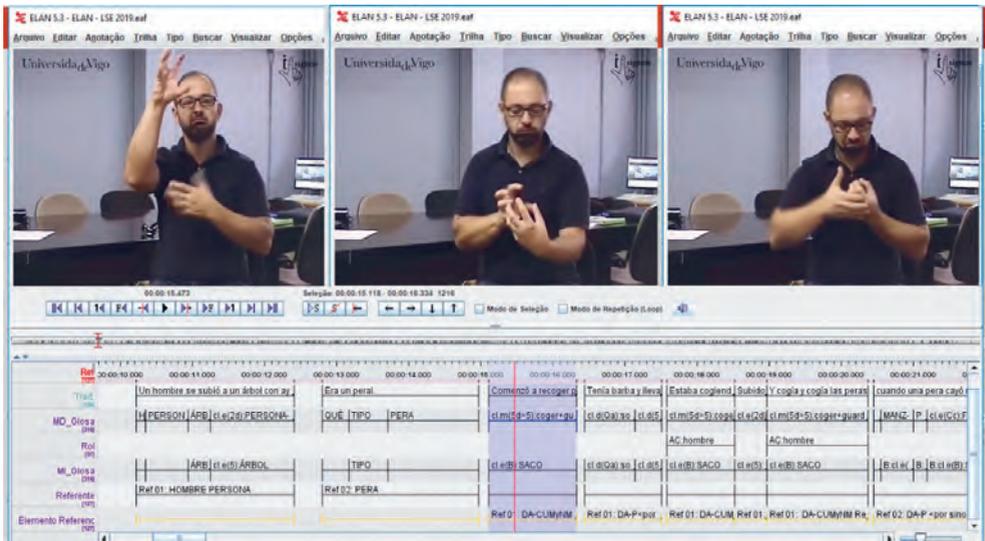


Figura 3: exemplo da tela do Elancom o processo referencial analisado na tabela 3

Prosseguindo às análises, trazemos na tabela 4 um outro processo referencial em LSE. Nessa tabela citada temos uma primeira coluna composta do referente selecionado

para a análise – pera; uma segunda com o processo de recuperação do referente, conforme a anotação feita em glosa-Libras; e uma terceira com a classificação da recuperação.

Tabela 4 - Processo Referencial na história ‘The Pear Film’ narrada em LSE

Processo referencial em ‘The Pear Film’: LSE		
Referente/Objeto do discurso	Retomada	Classificação do processo de retomada
pera	PERA2 EST@	DA-P <por sinonímia-pronominal>

Temos nessa tabela uma retomada do referente ‘pera’ por meio de um sinónimo: PERA2. Pela própria glosa-LSE já podemos perceber que não se trata do sinal de pera que foi utilizado na introdução do referente, ou seja, nesse processo de recuperação o surdo opta por utilizar um sinónimo para o referente em destaque, PERA2, conforme podemos verificar na figura a seguir. Geralmente, a seleção de um sinónimo no processo de recuperação de referente representa a intenção do sinalizante de ampliar o repertório lexical em torno do objeto do discurso em destaque, evidenciando uma opção estilística do enunciador (Koch, 2004). Dando sequência à análise, atrelado ao sinal PERA2, temos o apontamento manual - em configuração de mão em G (👉)- e visual para o espaço de sinalização em que o cesto de pera está marcado, anotado pelo pronome demonstrativo EST@. Todos esses fatores nos permitem, baseado nas teorias estudadas, a classificar esse processo referencial como dêitico-anafórico padrão por sinonímia-pronominal. Vejamos a figura abaixo com o sinal de PERA2 usado no processo de retomada:



Figura 4: exemplo da tela do Elan com o processo referencial analisado na tabela 04

Síntese das análises realizadas

A partir das análises realizadas, foi possível observar, no corpus paralelo, como ocorrem os processos referenciais nas línguas em questão. A Introdução sempre ocorreu com o primeiro aparecimento dos referentes PERA e HOMEM, em Libras e em LSE.

A Recuperação foi marcada pela presença do dêitico-anafórico de classe ‘padrão’, realizado por meio de pontos manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘loci’); Nas classes padrões tivemos algumas estratégias específicas em cada língua de sinais: por repetição, por reticências, por sinonímia, por hiperônimo, pronominal. O dêitico-anafórico padrão por sinonímia, por exemplo, foi verificado em LSE, quando o surdo utilizava o sinal PERA1 e, a seguir, outro sinal para o mesmo referente, PERA2, que é considerado sinônimo. Em Libras, diferente da LSE, tivemos o caso de recuperação do padrão dêitico-anafórico por hiperonímia.

Além disso, a Recuperação foi marcada, em ambas as línguas, pela presença constante da classe dêitico-anafórica de unidades manuais e não manuais complexas: por meio de padrões de olhar específicos, expressões faciais marcadas e classificador combinado com estrutura de mudança de papel, mostrando-se como uma forma consciente do sinalizante ilustrar o que diz, sendo então carregado de operações discursivas e cognitivas, por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tridimensional do discurso sinalizado.

5. Considerais finais

Diante das análises realizadas, foi possível observar como sucede o processo referencial na Libras em contraste com a LSE. Especificamente, foi possível verificar os processos referenciais *Introdução* e *Retomada* nas línguas em questão. Podemos dizer que, apesar de cada língua fazer uso de alguma estratégia específica e pontual, no geral o processo referencial em ambas as línguas analisadas foi marcado por semelhanças. O processo referencial em Libras e em LSE está caracterizado pelo uso constante e simultâneo do dêitico e da anáfora. Os dêíticos-anafóricos podem considerar-se estratégias fundamentais para a condução da cadeia referencial em ambas línguas, por exemplo na construção do referente em pontos específicos no espaço de sinalização.

Quando a pessoa surda utiliza determinado processo referencial, ele não o faz aleatoriamente, ao contrário, há em sua escolha finalidades comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos usuários das línguas de sinais, em um processo discursivo. Em outras palavras, utilizar um elemento referencial na construção de um texto - nesse caso narrativo -, implica sempre uma escolha lexical em detrimento de tantas outras possibilidades existentes na língua, e essa escolha pode revelar opiniões, intenções e atitudes do produtor do texto.

Nós, enquanto linguistas e professores, devemos incentivar nossos alunos a utilizar essas estratégias linguísticas, a valorizar as relações referenciais estabelecidas entre os sinais e a estabelecer um trabalho constante com recursos visuais que orientam os referentes no espaço de sinalização. Nesse sentido, acreditamos que os resultados desse trabalho cooperam para fortalecer as investigações desenvolvidas na área dos estudos linguísticos da Libras e, também, da LSE, suscitando novas indagações e reflexões acerca dos processos referenciais nas línguas de sinais, de maneira a se pensar em investigações vindouras. Ademais, esperamos que o trabalho desenvolvido contribua para o ensino-aprendizagem do surdo, para os educadores e para os tradutores e intérpretes de línguas de sinais, bem como outros profissionais envolvidos com essa área.

6. Referências

- Bernardino, E. L. (2000). *Absurdo ou lógica?: a produção linguística do surdo*. Belo Horizonte: Profetizando Vida.
- Bidarra, J. & Reis, L. (2013). O elemento referencial na construção de significados do gênero fábulas. *Revista Desenredo*, 9 (1).
- Brasil (2005). *Decreto nº 5. 626 de 22 de dezembro de 2005*: regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>
- Brasil (2002). *Lei nº 10. 436*. Presidência da República dispõe a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm
- Ciulla, A. (2008). *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Chafe, W. L. (ed.). (1980). *The Pear Stories: Cognitive, Cultural, and Linguistic Aspects of Narrative Production*. Norwood, N.J: Ablex.
- Colamarco, M. (2014). *Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Cuxac, C. (2000). La Langue des Signes Française (LSF). Les voies de l'iconicité. *Bibliothèque de Faits de Langues*, n.º 15-16. Paris-Gap, 56-57.
- Espanha (2007). *Ley 27/2007, de 23 de octubre*. Reconocen las lenguas de signos españolas y se regulan los medios de apoyo a la comunicación oral de las personas sordas, con discapacidad auditiva y sordociegas. Disponível em: <https://www.boe.es/buscar/pdf/2007/BOE-A-2007-18476-consolidado.pdf>
- Ferreira Brito, L. (2010). *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Johnston, T. (2010). From archivet to corpus. Transcription and annotation in the creation of signed language corpora. *International Journal of Corpus Linguistics*, 15(1), 106-131.
- Koch, I. V., & Elias, V. M. (2006). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. V. (2004). Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, 6(1), 29-42.
- Koch, I. V., & Marcuschi, L. A. (1998). Processo de referenciação na produção discursiva. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 14 (n. especial), 169-190.
- Landaluce, J. F. (2016). *La deixis en la Lengua de Signos Española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovizual*. Tesis de Doctorado. Universidad del País Vasco.

- Mccleary, L. E., & Viotti, E. C. (2011). Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas*, Juiz de Fora, 1, 289-304.
- Meurant, L. (2008). Le regard en langue des signes. *Anaphore en langue des signes française de Belgique (LSFB): morphologie, syntaxe, énonciation*. Namur. Presses Universitaires de Rennes / Presses Universitaires de Namur.
- Mondada, L., & Dubois, D. (2003). Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In M. Cavalcante *et al.* (coord.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto.
- Morais, M. A. (2017). *Referenciação em campo: a construção de sentidos nas notícias esportivas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Morales López, E. et al. (2019). Mecanismos de cohesión y coherencia en la organización de una narrativa en lengua de signos. *Revista de Estudios de Lenguas de Signos REVLES: Aspectos lingüísticos y de adquisición de las lenguas de signos*, 1, 91- 125.
- Pizzuto, E., Rossini, P., Sallandre, M.-A., & Wilkinson, E. (2006). Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In R. M. Quadros & M. L. B. Vasconcellos (coord. e trad.). *Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais* (pp. 140-148). Petrópolis: Editora Arara Azul.
- Quadros, R. M. (2013). Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In R. M. Quadros & M. Weininger (orgs.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*, 1 (pp. 15-36). Florianópolis: Editora Insular.
- Quadros, R. M., & Pizzio, A. L. (2007). Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In H. Salles (Org.) *Bilinguismo e surdez. Questões linguísticas e educacionais* (pp. 49-72). Goiânia: Cãnone Editorial.
- Reis, L. S. (2020). El proceso referencial en lengua brasileña de signos (Libras) y lengua de signos española (LSE): análisis contrastivo. *REVLES - Revista de Estudios de Lenguas de Signos*, 2, 97-124.
- Reis, L. S. (2019). *O proceso referencial na Libras face às ocorrências anáforicas em língua portuguesa*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná.
- Schlenker, P. (2016). Conditionals as definite descriptions: a referential analysis. *Research on Language and Computation* 2(3), 417-462.

